

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA/PARFOR
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DO CARMO FERNANDES DA SILVA

**O LÚDICO NA ESCOLA: UM INSTRUMENTO INDISPENSÁVEL
NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Barcarena
2014

MARIA DO CARMO FERNANDES DA SILVA

**O LÚDICO NA ESCOLA: UM INSTRUMENTO INDISPENSÁVEL
NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586l Silva, Maria do Carmo Fernandes da.
O lúdico na escola : : um instrumento indispensável no
processo ensino aprendizagem / Maria do Carmo Fernandes da
Silva. — 2014.
39 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Edson de Freitas Gomes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Ensino fundamental. 2. Língua portuguesa. 3. Lúdico. I.
Título.

CDD 370

MARIA DO CARMO FERNANDES DA SILVA

**O LÚDICO NA ESCOLA: UM INSTRUMENTO INDISPENSÁVEL
NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

Data: / /2014

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edson de Freitas Gomes - Presidente
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. – Rosenildo da Costa Pereira – Membro
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Carlos Henrique de Almeida Lopes – Suplente
Universidade Federal do Pará - UFPA

AGRADECIMENTOS

À Deus, que é o primeiro, pois antes de formar no ventre da minha mãe, Ele me conhecia, antes que eu fosse dada a luz, Ele fez a minha consagração e quando ele me chamou para fazer parte da Universidade Federal do Pará ele disse: chegou a hora.

Ao meu esposo, José Francisco Pereira da Silva, pela compreensão mediante a minha ausência em tantos momentos de estudos acadêmicos.

Ao meu filho, Francisco Jhonantan Fernandes da Silva, pela paciência e apoio a tantos trajetos no trânsito, para assegurar imensos compromissos de trabalhos acadêmicos.

À minha filha, Vanessa Fernandes da Silva, pelo carinho nos momentos difíceis durante toda a minha trajetória acadêmica.

À minha filha, Natália Fernandes da Silva, pelo entusiasmo e fortalecimento nos momentos de desânimos da minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, Prof^o. Me. Edson de Freitas Gomes, pela valiosa orientação que tornou possível a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha colega de trabalho, Profa. Divaneide Vieira, pela amizade que representou para mim grande esperança no momento mais delicado do meu trabalho acadêmico.

À Profa. Hosana Santos, meus sinceros agradecimentos pelo suporte que alicerçou no auge de toda minha vida acadêmica.

À profa. Daiane meus sinceros agradecimentos pelo suporte que licenciou no auge de toda a minha trajetória na UFPA.

A professora Maria Cleia pelo apoio que me deu durante o curso.

Aos alunos e profissionais da escola Conego Francisco Silva Cravo, pelos momentos agradáveis de convivência, de pesquisa acadêmica e receptividade de todas as pessoas envolvidas com espírito de colaboração, flexibilidade, compreensão, carinho e respeito.

No mundo lúdico a criança encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, alimenta sua vida interior, descobre o mundo e torna-se operativa.

Santa Marli Pires dos Santos

RESUMO

Este trabalho objetivou observar os alunos que por meio do lúdico desenvolvem importantes capacidades como a socialização, a criatividade, a memorização, a imaginação e o amadurecimento, demonstrando a importância de trabalhar o lúdico no ensino de língua portuguesa nas turmas do 1º ano do ensino fundamental na Escola Conego Francisco da Silva Cravo que fica localizada no município de Barcarena, Pará. O trabalho está respaldado por expressivos referenciais teóricos como Rangel (2008), Santos (1997), Lopes (2006), dentre outros. A proposta apresentada permite afirmar que o professor é peça primordial, por meio de quem as crianças irão encontrar nas escolas as ferramentas e os métodos da sistematização de conhecimento, o progresso na medida em que desencadearam situações desafiadoras inserindo o lúdico como ferramenta indispensável para as crianças apreciarem realmente a vontade de falar, de ler, de escrever, de trocar suas experiências, ideias e pontos de vista, de compartilharem interesses e necessidades, aspirações e sentimentos. Na metodologia da pesquisa são apresentados os procedimentos que discorrerá sobre a seleção dos informantes e análise de dados, envolvendo (01) um diretor, (01) vice-diretora, (01) coordenadora pedagógica, (02) professores, (35) alunos, utilizando a técnica de coleta de dados como: entrevista, questionário, observação, suporte imprescindível para o aprofundamento teórico da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Língua portuguesa. Lúdico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 METODOLOGIA	16
3.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	18
3.2 PESQUISA DE CAMPO	19
4 ANÁLISE DOS DADOS	21
5 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	28

1 INTRODUÇÃO

Mesmo nos dias atuais inserir o lúdico nas escolas é uma metodologia desgastante, devido à falta de autoestima pela própria unidade de ensino, por se tratar de um modelo que envolve brinquedos, brincadeiras e divertimentos e uma gama de profissionais da educação que não aderem a esse processo e fazem vista grossa, algumas vezes radicalizam, outras são desinteressados, algumas vezes passam despercebidos, outras dizem que não ganham para este tipo de trabalho; algumas vezes dizem que dá trabalho para ser planejado e muitas das vezes executados. Também pela falta de companheirismo com os colegas de trabalho que querem, mas os outros não dão apoio e pela grande falta de recursos. Foi com base nesta inquietação que se procedeu ao surgimento da investigação do tema abordado.

É neste perfil que a pesquisa foi inserida buscando informações precisas do cotidiano da instituição, da sala de aula, o que os professores pensam como eles agem, diante desta realidade lúdica dos alunos, como é repassado o brincar pedagógico, como eles recebem e de que maneira desenvolvem diante das diferentes técnicas de aprendizado.

Para Santos (1997, p. 22):

Temos que dar limites para que as crianças sintam-se seguras, mas temos também que abrir espaço para que manifestem o futuro que trazem dentro de si. Temos que ser suficientes, humildes, para ajudá-las a crescer, dando espaço para que estabeleçam sua relação com o mundo nos limites de suas necessidades.

Com base nesta perspectiva que o estudo em questão objetivou perceber os alunos através do lúdico, na medida em que desenvolvem as capacidades como a socialização, a criatividade, a memorização, a imaginação e o amadurecimento, demonstrando a importância da inserção de jogos lúdicos, como um modelo prático de vivência e consciência, visando uma melhor prática no desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, o ponto central do estudo é a contribuição para a reflexão da importância do uso do lúdico de língua portuguesa nas turmas do 1º ano do ensino fundamental, considerando o perfil da instituição escolhida nesta pesquisa com suas peculiaridades em se tratando dos envolvidos, em particular alunos do 1º ano de ensino fundamental e professores atuantes nesta área, buscando informações precisas da realidade do uso do lúdico.

O trabalho em estudo encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da introdução, ressaltando os objetivos gerais e os objetivos específicos, a problemática do objeto em estudo, relevando todos os itens que delimitaram esta pesquisa. O segundo capítulo trata da fundamentação teórica com um breve histórico da língua portuguesa no

Brasil na década de 1980; discussões sobre a prática alfabetizadora e a da descoberta da infância e da associação da criança às brincadeiras. O terceiro capítulo trata da metodologia. A princípio foi realizada a pesquisa de campo em uma determinada instituição de ensino fundamental do órgão público, envolvendo direção e coordenação pedagógica. Foram realizadas como instrumento da pesquisa a entrevista com os professores. Foi também utilizado o questionário. Para os alunos do 1º ano de ensino fundamental o instrumento utilizado foi a observação. O quarto capítulo trata dos resultados obtidos na pesquisa. O quinto capítulo trata da conclusão do estudo. Finalmente as referências que trazem obras citadas no trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997), desde o início da década de 80 do século XX, o ensino da Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação do País. No ensino fundamental, o eixo da discussão no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabemos que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais são inaceitáveis, pois mesmo em países muito mais pobres do que o Brasil esses índices são menores.

O Brasil está aquém do desejado para acontecer de fato um impacto educacional que possa levar a escola brasileira à revisão do seu papel na sociedade. Essa discussão sobre fracasso escolar expõe a deficiência da educação brasileira e revela que a escola não está dando conta nem ao menos de desempenhar seu papel mais essencial. A escola não cumpre nada disso porque vem utilizando métodos ultrapassados, como o sintético e o analítico, incapazes de alfabetizar uma criança na 1ª série de ensino fundamental. Os problemas relacionados ao fracasso escolar estão diretamente ligados, entre outros fatores, à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade se expressa com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da 1ª série (ou mesmo das duas primeiras) e na 5ª série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da 8ª série.

Essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. Nos últimos dez anos, a quase totalidade das redes de educação pública desenvolveu, sob a forma de reorientação curricular ou de projetos de formação de professores em serviço (em geral dos dois), um grande esforço de revisão das práticas tradicionais de alfabetização inicial de ensino da Língua Portuguesa. Seja porque a demanda quantitativa já estava praticamente satisfeita e isso abria espaço para a questão da qualidade da educação -, seja porque a produção científica na área tornou possível repensar as questões envolvidas no ensino e na aprendizagem da língua, o fato é que a discussão da qualidade do ensino avançou bastante. Daí os PCN soarem como uma espécie de síntese do que foi possível aprender e avançar nesta década, em que a democratização das oportunidades educacionais começa a ser levada em consideração, em sua dimensão política, e também no que diz respeito aos aspectos intraescolares.

Sem a pretensão de historiar a área, é possível descrever em linhas gerais o processo de transformação das ideias que, nas últimas três décadas, têm circulado na escola e funcionado como referência para a prática dos professores das séries iniciais.

A esse respeito Pagel e Nascimento dizem que:

Faz-se necessário implementar políticas indutoras de transformações significativas na estrutura da escola; na reorganização dos tempos e dos espaços escolares; nas formas de ensinar, aprender, avaliar, organizar e desenvolver o currículo; nas carreiras profissionais e na formação inicial e continuada dos profissionais da docência. (2006, p.10).

Ferreiro (2001), afirma que tradicionalmente, as discussões sobre a prática alfabetizadora têm se centrado na polêmica sobre os métodos utilizados: métodos analíticos versus métodos sintéticos; fonético versus global etc. Nenhuma dessas discussões levou em conta o que agora conhecemos: as concepções das crianças sobre o sistema de escrita. Daí a necessidade imperiosa de recolocar a discussão sobre novas bases.

Se aceitarmos que a criança não é uma tábua rasa onde se inscrevem as letras e as palavras segundo determinado método tradicional; se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do adulto, mas de quem aprende; se aceitarmos que qualquer informação deve ser assimilada (e, portanto transformada) para ser operante, então deveríamos também aceitar que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento.

A nossa compreensão dos problemas tal como as crianças os colocam e da sequência de soluções que elas consideram aceitáveis (e que dão origem a novos problemas), é, sem dúvida, essencial para podermos ao menos imaginar um tipo de intervenção adequada à natureza do processo real de aprendizagem. Mas reduzir esta intervenção ao que tradicionalmente denominou-se o “método utilizado” é limitar demais nossa indagação.

É útil perguntarmos por meio de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar. Há práticas que levam criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção deste. Há práticas que levam a pensar que “o que existe para se conhecer” já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não modificável. Há práticas que levam a que o sujeito (a criança neste caso) fique de “fora” do conhecimento, como espectador passivo ou receptor mecânico, sem nunca encontrar respostas aos “porquês” e aos “para quês” que já nem sequer se atreve a formular em voz alta.

Práticas estas obrigatórias para que o sujeito seja passivo de estar permanentemente sentado numa sala de aula, recebendo informações, manejando uma variedade pequena de materiais e poucos estímulos propícios à acolhida de uma série de diferenças individuais, impondo, além disso, um comportamento mais fácil de acomodar-se a alguns alunos prevalecendo o seu grau de aprendizagem.

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros. Conforme se coloque a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme se caracterize a ambos, certas práticas aparecerão como “normais” ou como “aberrantes”. É aqui que a reflexão psicopedagógica necessita se apoiar em uma reflexão epistemológica.

Para Fernandes:

Piaget diz que o sujeito epistêmico, também chamado de sujeito cognoscente ou do conhecimento, o conceito diz respeito às estruturas mentais comuns a todos os seres humanos, que conferem a possibilidade de aprender fazendo relações entre diferentes informações (classificação, comparação, dedução, etc). Tais estruturas se desenvolvem do início ao fim da vida por meio de ação dos indivíduos sobre o meio, num processo de interação com o objeto de conhecimento e com as outras pessoas, o que possibilita a construção de níveis de saber cada vez mais complexos. (NOVA ESCOLA, 2010, p. 65).

Primeiramente é necessário entendermos o que significa a palavra “lúdico” para termos clareza de que hoje o lúdico se tornou uma ferramenta essencial para a prática docente. De acordo o dicionário Aurélio (2001) “Lúdico é relativo a jogos, brinquedos e divertimentos”.

Santos (1997), afirma que a partir da descoberta da infância e da associação da criança ao brincar, termos como brinquedos e brincadeiras conotam criança. A dimensão da criança está sempre presente, quando se analisam os brinquedos e brincadeiras.

O brinquedo entendido como objeto, suporte da brincadeira, supõe relação íntima com a criança, seu nível de desenvolvimento e indeterminação quanto ao uso, ou seja, ausência de um sistema de regras que organize sua utilização. Uma boneca permite à criança desde a manipulação até brincadeiras como “mamãe e filhinha”. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez, estimulam o desempenho de habilidades definidas pela estrutura do próprio objeto e suas regras.

O brinquedo representa certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é responder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua

ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de representações: tudo o que existe no cotidiano, na natureza e nas construções humanas. Podemos dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. Duplicando diversos tipos de realidades, o brinquedo a metamorfoseia e fotografa, não reproduzindo apenas objetos, mas uma totalidade social.

A realidade representada sempre incorpora modificações: tamanho, formas delicadas e simples, estilizadas ou, ainda, antropomórficas. Os brinquedos podem incorporar, também, um imaginário preexistente criado pelos desenhos animados, seriados televisivos, mundo da ficção científica com motores e robôs, mundo encantado dos contos de fada, estórias de piratas, índios e bandidos.

O brinquedo propõe um mundo imaginário e a criança representa a visão que o adulto tem da criança. No caso da criança, o imaginário varia conforme a idade: para o pré-escolar de 3 anos, está carregado do animismo; de 5 a 6 anos, integra predominantemente elementos da realidade. O adulto introduz nos brinquedos imagens que variam de acordo com a sua cultura.

O brinquedo contém sempre referência ao tempo de infância do adulto como representações veiculadas pela memória e imaginação. O vocabulário “brinquedo” não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos de jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Como objeto, é sempre suporte da brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, tendo relação estreita com o nível de seu desenvolvimento.

E a brincadeira? É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao melhorar na ação lúdica. Podemos dizer que é lúdico em ação. Dessa forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo. Assim como a poesia, os jogos infantis despertam em nós o imaginário, a memória dos tempos passados que brincávamos de queimada num campinho improvisado no fundo do quintal de nossas casas, o jogo era envolvido com muitas risadas e tropeços naquele chão empoeirado e a bola era feita com meias velhas do vovô e da vovó, muitas das vezes pegadas escondidas no varal desse mesmo quintal. Este tempo nós brincávamos e sem saber que ali estávamos tendo oportunidades de expressar o pensamento com espontaneidade, de coordenar as ideias antes de ouvir ou falar, de aguardar a vez de falar para a compreensão do mundo diante da realidade do local que estávamos inseridos.

Em seu trabalho Kishimoto (*apud* SANTOS, 1997), relata que na obra *Infância*, o autor Graciliano Ramos recorda seu cotidiano de criança pobre, que construía brinquedos de

barro e invejava os meninos que possuíam brinquedos mecânicos. Em contraposição, Baudelaire (*apud* BROUGÈRE, 1993), em *Curiosités Esthétiques*“ relembra o menino burguês que deixa os seus brinquedos sofisticados para olhar interessado o brinquedo vivo (rato) do menino maltrapilho”. São também sugestivas as poéticas páginas de José Lins do Rego (1969), em *Menino de engenho*, lembrando seus tempos de infância em que nadava nos rios, subia nas árvores, trocava frutas roubadas da despensa com peões que dormiam nas mãos dos espertos moleques da senzala.

Hoje o tempo das crianças é habitualmente saturado por deveres e afazeres, restando muito pouco para as atividades lúdico-criativas. Assim, diminuem as possibilidades da criança descobrir sua própria maneira de ser, construir sua afetividade e fazer suas próprias descobertas pela infância e de seus verdadeiros interesses e necessidades. Somos, finalmente, quase obrigados a esquecer o que desejamos e o que deveria ser prioridade para as crianças.

Foi refletindo acerca dessa realidade, que não se vive só no Brasil, mas em toda América, que consideramos necessário resgatar o brincar como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança em sua criatividade, em sua aprendizagem, em sua socialização, enfim, em todos os ambientes e circunstâncias de sua vida: no lar, na vizinhança, na escola, na comunidade. Com essa motivação surgem nas brinquedotecas (ludotecas), com um projeto de educação não formal, pensando a educação e o lazer para as crianças, jovens e adultos, como um espaço de animação lúdico e criatividade de socialização, transformado dia a dia pela imaginação, espontaneidade e alegria de todos.

De acordo com Lopes e Mendes:

A formação das crianças de 6 anos exige que o planejamento do trabalho pedagógico considere as diferentes dimensões do tempo. Assim terão a oportunidade de falar, de ouvir e de ser ouvidas, de ter contato com os conhecimentos científicos, e de alimentar, de utilizar os diferentes espaços da instituição e da comunidade, de descansar, de brincar e de expressar por meio das diferentes linguagens, tais como a verbal, a escrita, a musical e a corporal, entre outras. (REVISTA CRIANÇA, 2006, p.08).

O planejamento do trabalho pedagógico é de grande responsabilidade do professor, aliás, é o professor o planejador, o condutor do processo de ensino-aprendizagem, o grande incentivador e administrador da curiosidade das crianças. É por seu intermédio que as crianças irão encontrar nas escolas as ferramentas e os métodos da sistematização do conhecimento, o progresso na medida em que desencadear situações desafiadoras inserindo o lúdico como ferramenta indispensável para as crianças apreciarem realmente a vontade de falar, de ler, de escrever, de trocar suas experiências, ideias e pontos de vista de compartilharem interesses e necessidades, aspirações e sentimentos.

De acordo com Lopes e Mendes:

Da mesma forma, os espaços e os materiais devem ser utilizados e organizados de maneira bastante flexível, desafiando as crianças e favorecendo o desenvolvimento de trabalhos diversificados, que possibilitem os movimentos, a construção da identidade e da autonomia, os diferentes tipos de interações e variadas formas de manifestação da cultura. (REVISTA CRIANÇA, 2006, p. 08).

É de suma importância que o professor esteja atento as novas inovações do trabalho no planejamento pedagógico no sentido de inserir o lúdico não apenas utilizando como um recurso didático e sim verificando qual deve ser a melhor estratégia adotado na escola ou em específico na sala de aula, com o intuito de facilitar a aprendizagem da linguagem oral e escrita dos alunos propiciando o nível de maturação de cada criança, para que haja de fato o desenvolvimento na prática da leitura e prática da escrita.

No que diz Rangel:

Este aprendizado pode, e deve, ser lúdico, prazeroso, mas precisa estar calcado no desenvolvimento desse conhecimento específico. Todos os dias a criança deverá aprender alguma coisa, nem que seja o nome de uma letra e seu reconhecimento, mas nenhum dia pode passar ao largo da aprendizagem da leitura e da escrita. (RANGEL, 2008, p.13)

Em outras palavras, o lúdico é um modelo pedagógico fascinante que apresenta uma diversidade de sugestões de atividades, como textos diversificados, exposições orais, apresentação de trabalhos, contação de histórias, canções de vários gêneros, produção de textos, criação de jogos e brincadeiras, cartazes na parede, dentre outros, para o processo de alfabetização onde o aluno será capaz de criar e recriar caminhos para chegar ao domínio da leitura e da escrita.

Sendo assim, o aprendizado se dá a partir da motivação do professor levar para a sala de aula situações com uma gama de oportunidades para que o aluno encontre chances de tornar leitores e escribas hábeis com a capacidade de produzir e interpretar textos orais ou escritos para a sua formação pessoal e social e seu conhecimento de mundo. E a instituição compete contribuir para equacionar e requerer os desafios éticos voltados para os valores e atitudes que são componentes que devem integrar na função social da escola.

3 METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada na escola Conego Francisco da Silva Cravo que fica localizada no município de Barcarena, que foi construída no ano de 1984 pela extinta CODEBAR – Companhia de Desenvolvimento de Barcarena, mas a responsabilidade da companhia foi apenas pela construção do prédio. A referida escola foi construída a partir da criação do bairro do laranjal para atender aos filhos de famílias que foram remanejadas de suas áreas de origem devido à implantação do Projeto Albras/Alunorte na década de 1980.

Segundo os relatos do Senhor José Castro, conhecido como Zequinha um dos primeiros responsável pelo funcionamento do prédio, mediante muito esforço, atendendo inicialmente a essa clientela relacionada anteriormente e contando com a colaboração de voluntários que recebiam uma pequena gratificação.

Entrevistamos a diretora e ela nos informou que a escola atende atualmente à comunidade escolar cujas famílias são de classe média baixa, os pais e mães trabalham em comércios, residências, construções civis ou em fábricas instaladas no município, algumas dessas famílias são assistidas pelo projeto social do Governo Federal como a bolsa família, dentre outros. A instituição funciona em quatro turnos: manhã, intermediário, tarde e noite, com 27 turmas de 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos.

O corpo técnico é composto pela direção, vice-direção, secretaria, pedagoga, professores com formação continuada, professores licenciados e professores pós-graduados. Quanto à conservação, o prédio está em bom estado para o devido funcionamento, é dividido entre sala de direção, sala de secretaria, sala de professores, salas de aulas, sala de assistência à educação especial, sala de coordenação pedagógica, sala de biblioteca, laboratório de informática, dispensa de materiais escolares, dispensa da merenda escolar, cozinha, refeitório, banheiros, quadra poliesportiva coberta e arena de futebol.

A escola tem como base fundamentada de atuação pedagógica o modelo construtivista e também vem desenvolvendo vários projetos como: Sala de Leitores, Sala Multifuncional, PROINFO, Minha Escola, Minha Casa, Programa Juventude, O Programa Mais Educação e Escola Acessível. Segundo a direção, a instituição promove a acessibilidade e apoio à inclusão escolar dos alunos público-alvo, alunos com necessidades especiais em classes comuns do ensino regular. Aos alunos dão oportunidades de aprendizagem, oferecem para todos, trocas de experiências e construções de conhecimentos culturais, científicos e tecnológicos, afim de que desenvolvam habilidades para operá-los, revê-los, transformá-los e

redirecioná-los em atitudes sociais de cooperação, solidariedade, ética, tendo como base a formação democrática, cidadã, crítica e humana.

Em se tratando dos recursos materiais e mobiliários, encontram-se em bom estado de conservação; quanto aos materiais didáticos, não são suficientes para suprir as necessidades dos alunos. Os equipamentos que a instituição dispõe são: mimeógrafo, CD player, DVD, caixa amplificadora, microssistema, televisão, ventiladores, quadros e computadores. A instituição está vinculada à Prefeitura Municipal de Barcarena por se tratar de um estabelecimento municipal, onde o órgão da Secretaria Municipal de Barcarena repassa todas as orientações para o funcionamento segundo as normas estabelecidas pelo departamento de ensino infantil, departamento de ensino fundamental e departamento de apoio pedagógico inserido dentro do órgão local de educação.

Entrevistamos também a coordenadora pedagógica, a qual relatou alguns dos objetivos das propostas pedagógicas, como estabelecer metas e ações para a formação integral do discente; proporcionar condições pedagógicas e interpessoais aos discentes; promover projetos e ações de cunho cultural e social para a comunidade escolar; garantir aos professores a formação continuada; possibilitar o planejamento contextualizado. Quanto à base fundamentada a instituição adota o processo construtivista, o qual oferece oportunidades de sistematização e acompanhamento do trabalho pedagógico. Esse processo é muito dinâmico uma vez que é necessário diagnosticar, planejar e executar dentro de uma realidade específica apresentada a partir do rendimento do aluno, tornando uma ferramenta necessária para a prática na construção e promoção do lúdico com a equipe de professores a partir do planejamento e troca de experiências.

Os principais envolvidos na pesquisa foram os professores e alunos do 1º ano do ensino fundamental, com a pretensão de percebermos se os alunos por meio de atividades lúdicas conseguiam desenvolver importantes capacidades como: a socialização, a criatividade, a memorização, a imaginação e o amadurecimento, demonstrando a importância da inserção de jogos lúdicos, como um modelo prático de vivência e consciência e visando uma melhor prática no desenvolvimento da criança. Aos professores como contribuição oferecer e realizar atividades lúdicas para o processo de aprendizagem por meio de orientações e esclarecimentos através do lúdico, utilizando recursos práticos e teóricos.

O instrumento utilizado na pesquisa com os professores foi a entrevista com o questionário de perguntas e respostas que no início tornou-se perceptível o enfrentamento que os professores vivenciam com a rotina diária da quantidade de ações pedagógicas que precisam ser elaboradas e cumpridas. Este questionário foi elaborado com perguntas e

aplicado individualmente, dando flexibilidade à sistematização das respostas referentes ao estudo em questão, a fim de obtermos informações que relatassem a importância de se trabalhar o lúdico no ensino de língua portuguesa nas turmas do 1º ano do ensino fundamental.

Quanto aos alunos, a percepção prévia foi como eles estão aprendendo, pensando e como se dá a prática da leitura e da escrita para aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Qual é o espaço que a instituição apresenta para os alunos desenvolverem atividades voltadas para o lúdico, como se dá a explanação de um determinado conteúdo programático, que tipo de atividades desperta o aluno para a leitura e a escrita, o motivo que leva à falta de atenção e o desinteresse na realização de determinadas atividades para a busca de novos conhecimentos.

Nesta pesquisa do objeto em estudo, das idas e vindas à instituição escolhida na busca de informações por meio de observações, questionários e entrevistas, em todos esses momentos fomos recebida por todas as pessoas envolvidas na pesquisa com espírito de colaboração, flexibilidade, compreensão, carinho e respeito.

3.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para a realização da pesquisa foram entrevistados alguns funcionários e alunos, um desses entrevistados foi a professora A. R. F. B., diretora da escola, em seguida, a professora E. M. S., vice-diretora que é graduada em pedagogia e concursada pela rede municipal. Ambos nomeados para os cargos, pela Secretária de Educação do município. Entrevistei também uma coordenadora pedagógica com pós-graduação e contratada pela rede municipal de ensino para exercer esta função. Em minha percepção o corpo técnico da escola (diretor, vice-diretora, coordenadora pedagógica) está todo tempo ocupado, sem medir esforços em suas obrigações da rotina escolar: organizando documentários, projetos educativos, eventos culturais, reuniões pedagógicas, recebimento e entrega de materiais escolares, revendo calendário escolar, fiscalizando a limpeza do espaço e merenda escolar, dentre outros.

Quanto aos professores, entrevistei duas que atuam em sala de aula diretamente, com as turmas de 1º ano de ensino fundamental, sendo a primeira professora graduada em pedagogia, e a segunda concursada como professora pedagógica pela rede municipal. Finalmente entrevistei de uma forma lúdica os 35 alunos de uma turma, na faixa etária de seis a sete anos de idade.

À medida que os dias iam passando a entrevista foi tomando uma nova dimensão porque pude de fato estar em sala de aula entre os 35 alunos e a professora, vivenciando a

rotina de sala de aula e onde o lúdico é inserido. E nesta perspectiva fui garantindo o meu espaço e estabelecendo vínculos com as crianças e a professora para a conclusão da minha pesquisa, mas não deixei de sentir ‘aquele friozinho na barriga’ porque na realidade não sabia como seria estes momentos já que existia uma proposta pedagógica definida, ou seja, como base fundamentada de atuação pedagógica o modelo construtivista. Mesmo assim, continuei com minhas indagações para perceber a necessidade de cada criança na sua individualidade e também coletivamente e o ensino-aprendizagem que trata da relação aluno e professor e me surpreendi cantando com as crianças fazendo gestos com a boca e tentando acompanhar a professora fixando os meus olhares em seus movimentos corporais.

A professora sempre comunicativa relatando as dificuldades de cada criança para serem alfabetizadas mesmo com a proposta pedagógica estabelecida pela instituição e sua fragilidade mediante a tantos recursos didáticos para o dinamismo das atividades. Em seguida, a professora foi gentil e fui apresentada para a turma e me coloquei a disposição da professora e das crianças demonstrando afetividade e chamando as crianças pelos seus nomes. A professora convidou-me para fazer a leitura da história infantil contos de fada ‘A Branca de neve e os sete anões’ e eu não excitei a ler com entusiasmo e encanto que a história transmitiu, foi maravilhoso. Quando percebi já estava finalizando a minha pesquisa e totalmente envolvida na turma. O meu envolvimento na sala de aula foi de total vivacidade onde consegui observar, participar e até mesmo atuar em vários momentos e superar algumas barreiras que estava predominante na minha profissão de professora.

Os informantes da pesquisa de campo manifestaram a boa vontade e colaboração para a realização de todos os momentos da realização dos trabalhos acadêmicos.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

A investigação do objeto em estudo sucedeu na escola Conego Francisco da Silva Cravo, nos meses de outubro e novembro de 2012, coletando informações acerca do que foi proposto nesta pesquisa, como, a importância de se trabalhar o lúdico no ensino de Língua Portuguesa nas turmas de 1º ano do ensino fundamental, em que podemos vivenciar a prática docente em sala de aula e percebermos que não é uma tarefa fácil, porque exige grandes responsabilidades na construção de conhecimentos para os educandos e ainda contribuir para suas formações futuras.

Nesse período deparamos com alguns alunos que apresentavam dificuldades na realização das atividades em sala de aula, alunos sem interesse em aprender, agitados,

desmotivados e, além disso, professores ora esforçando-se para adequar a turma àquilo que foi planejado, ora preocupado com a aprendizagem dos alunos. Entretanto, percebemos que ensinar de uma forma diferente causa muitos transtornos, para quem ensina e para quem aprende, porque sem um aprofundamento teórico e prático adquirido nas universidades não se consegue a qualidade na educação. Dessa forma, a pesquisa, do início ao fim, foi gratificante e se tornou parte fundamental para a minha formação acadêmica, como futura professora de Língua Portuguesa.

No período em que me dediquei com a pesquisa de campo empenhei para seguir as instruções dadas pela professora, fiquei atenta as minhas observações, tentei buscar e apresentar de forma coerente às situações que vivenciei na instituição. Para tanto, foi muito importante para a minha formação, como futura professora de Língua Portuguesa, o contato como os alunos foi fundamental para tirar todas as minhas dúvidas, questionamentos e indagações e percebi a necessidade de assumir uma turma de 1º ano de ensino fundamental, mas hoje sei que não é tarefa fácil ser um professor de Língua Portuguesa, compromissado com a profissão, porque exige muita responsabilidade saber construir conhecimentos com os educandos e construir sua formação como cidadão.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada na escola Conego Francisco da Silva Cravo, com a direção na intenção de buscarmos as devidas informações acerca da organização escolar. No entanto, só foi possível entrevistarmos a vice-diretora da escola, professora. E. M. S. Dentre todas as informações dadas pela professora sobre os métodos utilizados com os alunos, ela enfatizou a metodologia que mais se aplica no espaço educativo, expressivamente ela manifestou dizendo:

“Eu enquanto vice-diretora apresento e dou experiências de práticas educativas que trago de minha vivência já que atuei por vários anos em sala de aula. Também repasso todas as informações pertinentes da SEMED que é um órgão municipal ao qual estamos subordinadas, como exemplos: o processo metodológico que é o construtivismo que a rede está vinculada, programas educativos, eventos educativos, jornais informativos e outros pertinentes a rotina escolar; faço a minha parte, mas percebo que alguns grupos de professores não dão à mínima e acham chato e cansativo.” (E. M. S., 2012)

Mediante os esclarecimentos da vice-diretora, percebemos que o órgão vinculado à instituição valoriza, potencializa e dá suporte ao trabalho escolar, ao desenvolvimento da prática docente, visando buscar constantemente novas experiências no processo de ensino-aprendizagem, apresentando formas possíveis de encaminhamento pedagógico capazes de respeitar a identidade da comunidade escolar. A respeito de sua contribuição prestada ao grupo de professores este é um dos pilares do papel do gestor, indo além da sua função enquanto gerenciador burocrático que cumpre as leis, regulamentos e determinações dos órgãos superiores do sistema de ensino e das decisões, no sistema da instituição e da comunidade.

Os relatos concedidos pela coordenadora pedagógica proporcionou uma visão pedagógica de seu papel profissional dentro da instituição quanto a sua relação com a equipe de professores, as orientações pedagógicas fundamentadas e relacionadas pelas suas vivências de tantos anos de carreira profissional, os encontros de planejamento semanais com sua equipe de professores, a metodologia aplicada, o processo didático estabelecido, a fundamentação teórica e prática. Nessa expectativa, foi indagada pela coordenadora pedagógica a importância do lúdico nas escolas e sua afirmação foi: “Resignificar as atividades de formas dinâmicas torna a aprendizagem mais significativa e sistemática”.

Visto que as aprendizagens tornaram mais significativas e sistemáticas quando de fato a escola, porventura oferecem práticas educativas, planejadas com o propósito de contribuir para que todos os alunos se apropriem dos conteúdos pedagógicos de forma lúdica, criativa e construtiva, visando um aspecto fundamental na rotina diária.

Todavia, questionamos a respeito da orientação dada aos seus professores da importância do lúdico e sua afirmação foi: “O professor seja um grande pesquisador e fundamentador de suas ideias a partir do compromisso com o seu profissional”.

Assim, diante do papel de professor mencionado acima é fundamental destacar que o professor seja dinâmico para envolver a turma em atividades lúdicas que não sejam passatempos, atividades que não se reflitam em aprendizagens, mas que sejam envolventes e deem preferência a jogos e brincadeiras relacionadas aos conteúdos didáticos e por consequente o professor também seja criativo, produzindo novas experiências capazes de permitir soltar a imaginação e o desenvolvimento da criatividade do que é produzido para a apropriação das atividades lúdicas, para que não sejam atividades que fixem modelos de repetição, atividades mecânicas e cópias desnecessárias e desgastantes.

Questionamos com algumas professoras, a princípio, a definição da palavra “lúdico” e elas responderam o seguinte:

“É um poderoso aliado para que os alunos possam refletir sobre o sistema da escrita, o sistema da leitura sem necessariamente serem “obrigados” a realizar treinos enfadonhos, leituras repetitivas e sem sentido.” (M. C. S., 2012).

“É a diversão atraída pelo entusiasmo no embalo da música que cantávamos no tempo de crianças como: O cravo brigou com a rosa, Marcha Soldado. É a brincadeira sem limites de Amarelinha, Queimada, Pula corda, Estátua, que brincávamos no pátio da escola no tempo de crianças quando brincávamos de estudar no embalo das brincadeiras e divertimentos, embora fosse rígida a escola, mas tinha um tempo de brincadeira que era só nosso.” (E. G., 2012).

Conforme as respostas dadas pelas professoras não é surpreendente a fragilidade profissional encontrada em seus argumentos que indica nitidamente como os professores vêm atuando em suas práticas pedagógicas na sala de aula, sem o menor entusiasmo para a ludicidade, porque apresenta apenas indicadores no que se pretende fazer e no que já foi vivenciado. É nessa reflexão do que se pretende e o que foi vivenciado que se constroem ações lúdico-educativas para a descoberta da escrita e da leitura, a utilização de diferentes usos de linguagem: como a comunicação, o seu uso, a sua capacidade de interpretação. Mas infelizmente a falta de autoestima é um dos fatores predominante, dando impossibilidades a qualidade eficaz extremamente necessária para o desempenho do professor e a valorização dos alunos no ato de aprender.

Outro questionamento foi levantado no que se refere a outras dificuldades que o professor enfrenta dentro da sala de aula para trabalhar com a ludicidade e suas respostas foram: “a superlotação nas salas de aula e a indisciplina de alguns alunos”. (M. C. S., 2012).

“Hoje nossa categoria de professores está passando há meses pela greve e com isso nosso conteúdo programático está sendo um pesadelo, porque temos que vencer o calendário anual que vem sendo perdido pelos números de dias não trabalhados na escola. E isso acarretou para mim uma série de situações em sala de aula como: por

onde reinício a minha aula, como alcançar esses alunos que ficaram tantos dias sem estudar? Hoje eu coloco como dificuldades trabalhar o lúdico na sala de aula por estas situações mencionadas.” (E. G., 2012).

Nestas respostas dadas, percebemos a grande insatisfação profissional quanto a superlotação em sala de aula, que é uma situação que a categoria de professores enfrenta com a greve, desde então esses argumentos estão nas páginas do nosso cenário brasileiro. Mas o que é urgente para ser refletido fica evidente no que é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, em buscar soluções emergentes que privilegia discussões sobre o momento ideal de se iniciar a forma lúdica no contexto do trabalho educacional, é com esse cuidado, e com respeito que facilita o acesso de formas para lidar com novas situações. Outra situação é a clara intenção que os professores demonstram em seus argumentos das dificuldades para a prática do lúdico. Nesta dimensão o papel do professor é de pesquisador para ir à busca de recursos e materiais lúdicos na construção de jogos, brinquedos e brincadeiras favorecendo aos alunos pensar, raciocinar e refletir em todas as etapas das produções dos trabalhos lúdicos e o professor estando sempre disponível para atender todas as necessidades individuais e coletivas na estruturação.

Partindo da necessidade de percebermos a relação dos alunos com a ludicidade, firmamos nosso olhar crítico nas disciplinas que os alunos sentem o prazer de estudar na escola e constatamos que a educação física, a informática, as artes visuais, os agradam, pois produzem alegria, prazer, respeitam os limites, criando condições para o desenvolvimento de suas capacidades e à valorização de novas descobertas. O esforço do professor é grandioso para ministrar a disciplina de língua portuguesa, mas a busca para a nova forma de ensinar está na disponibilidade de levar para a sala de aula um repertório de atividades lúdicas que a princípio dá trabalho para serem elaboradas e executadas.

Prosseguindo as indagações, percebemos que os alunos desinquietos, desinteressados em sala de aula apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, causando conflitos de comportamentos para chamarem atenção em determinadas ocasiões, expressando suas limitações no conteúdo que são impostos sem a menor preocupação com a forma que eles estão pensando para a compreensão das propostas que são apresentadas. Para tanto, cabe ao professor a sua interação na sala de aula para perceber se as aulas não são mais ministradas como há anos atrás e não ficar condicionado somente aos livros tradicionais que são decorativos. Os alunos não são também os mesmos, que eram vistos como uma “estátua” em sala de aula, não podiam falar, ouvir, enxergar, somente seguiam o comando do professor com exercícios rígidos e monótonos. Hoje, sabemos que o que ocorre é justamente o inverso, os alunos são a orquestra e o professor o maestro. O processo de ensino-aprendizagem está

em explorar todos os materiais lúdicos que irão trazer para os alunos liberdade em diferentes situações de socialização, criação, invenção em um ambiente alfabetizador rodeado de aprendizado constante e processo de renovação.

5 CONCLUSÃO

Educar de uma forma lúdica nos tempos atuais ainda causa certa resistência a uma gama de profissionais da educação, porque eles ainda estão limitados aos argumentos tradicionais que ficaram empobrecidos em seus longos anos de carreira profissional, pois para repensar em uma nova identidade da escola é imprescindível enfrentar desafios em que as crianças possam se desenvolver como ser integrante deste novo momento.

É com esta percepção que desenvolvemos esta pesquisa, buscando mecanismos para a reestruturação de propostas pedagógicas construídas na ludicidade, analisando o que as crianças pensam e o que elas vivenciam no cotidiano escolar, para sugerir conteúdos pedagógicos de forma construtiva e que não venham experimentar experiências fracassadas, e sim valorizar o seu potencial para aprender em um ambiente rico de oportunidades de falar, de ouvir e ser ouvida; de brincar e de se expressar por meios de diferentes linguagens, tais como a oral e escrita.

É preciso que compreendamos que os jogos, brinquedos e as brincadeiras são recursos didáticos, atrativos e relaxantes para possibilitar a reflexão, o senso crítico e situações desafiadoras nas quais as crianças irão criar formas de aprendizagem e desenvolver seus conhecimentos, lendo e escrevendo com autonomia. Dessa forma, permita que o professor também reflita e haja demonstração destas reflexões não só que permitirá o fortalecimento da linguagem que as crianças possuem antes de ir à escola, como também permitirá o desenvolvimento lógico, do raciocínio, sendo esses elementos fundamentais para a aprendizagem da leitura e da escrita, e, ainda, para o desenvolvimento pleno e a afirmação como ser social.

É de suma importância que o professor assuma o seu papel se adequando a nova forma de ensinar aprendendo como e por que brincar com as crianças, ou seja, as crianças brincam antes mesmo de entender o que estão fazendo. Elas percebem e atuam antes de entender o significado de suas ações e de poder refletir sobre elas, depois dessa aprendizagem básica do brincar, os alunos aprendem os mecanismos, as regras e os hábitos para o domínio da leitura e escrita e vale ressaltar que as brincadeiras preparam as crianças para a vida adulta.

Entretanto, a pretensão do trabalho em estudo está baseada na reflexão para a importância da ludicidade nas séries de 1º ano de ensino fundamental, cabendo ao professor resinificar suas práticas pedagógicas com consciência crítica, estimulando com prazer o papel

de ensinar, afinal, o desenvolvimento de um cidadão pensante e participante do mundo moderno se reflete na qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, Elisângela. **O desenvolvimento da inteligência**: Revista de Quem Educa Nova Escola. nº 238. São Paulo, 2010.

LOPES, Karina Rizek & MENDES, Roseana Pereira. **Desafios de um novo tempo. Revista Criança do Professor de Educação Infantil: Práticas para a igualdade racial na escola**. Brasília, 2006

PAGEL, Sandra Denise & NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **A Criança de 6 Anos no Ensino Obrigatório: Um Avanço Social. Revista Criança do Professor de Educação Infantil: Práticas para a igualdade racial na escola**. Brasília, 2006.

RANGEL, Anna Maria Píffero. **Alfabetizar os seis anos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ANEXO

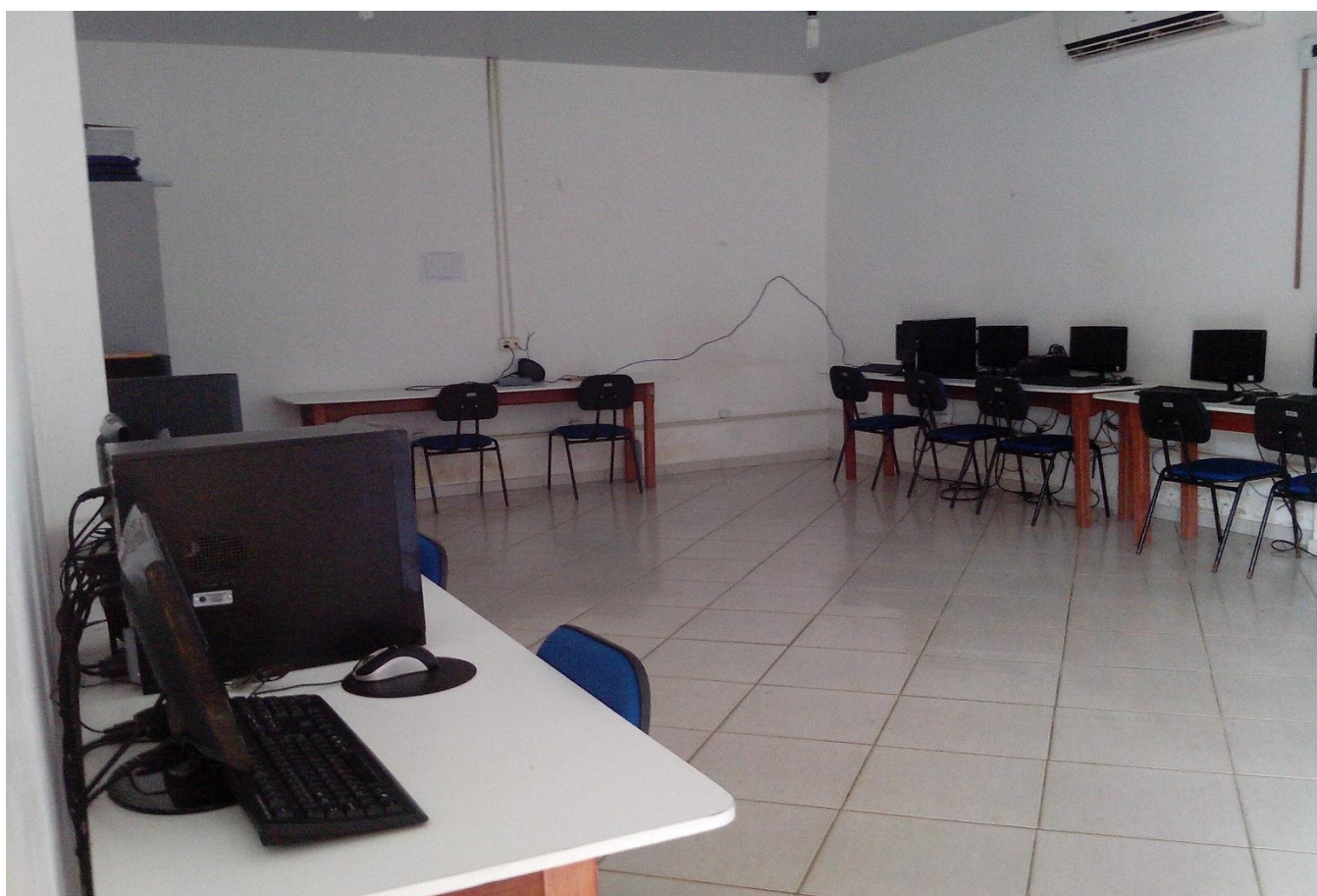
Frente da escola



Pátio



Sala de Informática



Sala do AEE



Copa e Secretaria



Direção



Sala dos Professores



Quadra da Escola

